

A embaixada japonesa como parte da metodologia do trabalho missionário no Japão

MARIANA AMABILE BOSCARIOL*

O século XVI na Europa foi marcado por um momento de renovação, de revisão de conceitos estéticos, religiosos e científicos. Após um período de dominação profunda da religião sobre a vida cotidiana e política, eclodiram movimentos de reforma religiosa que visavam uma ruptura da supremacia católica vigente até então. Como forma de superar essa situação, reavendo seu controle, a igreja deu início a um movimento reverso, o da contrarreforma. Uma das instituições que faziam parte dessa corrente é a Companhia de Jesus, uma ordem religiosa que tinha como uma de suas metas alcançar o fortalecimento do catolicismo.

As descobertas geográficas dos séculos XV e XVI abriram novos horizontes ao conhecimento do homem religioso europeu. Com a descoberta do Japão, território que possuía uma taxa demográfica muito superior a de Portugal, os eclesiásticos portugueses identificaram uma possibilidade de conversão de novos fiéis para a “santa igreja“, que há tempos perdia gradativamente seus membros. Tendo enviado os primeiros missionários nos anos seguintes ao descobrimento dessa região, davam início a uma campanha pela cristianização dessa população, até então desconhecida por eles. Idealizadores desse projeto, os representantes jesuítas eram insistentes quanto à defesa desse projeto e daquilo que era pregado, tendo havido sucesso nessa investida em outras regiões pertencentes à rota comercial de interesse português no oriente: Goa, Macau, etc. Apesar de terem conquistado saldos positivos provenientes da campanha nesses outros territórios asiáticos, não ocorreram na mesma dimensão que no Japão. Nesse país conseguiram um número de conversões que não se compara com nenhuma outra ocupação na Ásia, e em um período relativamente curto. Resultados que estariam vinculados não apenas as características japonesas, principalmente quanto à disciplina, mas também a uma mudança de postura, já que

* Mestranda no programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras da USP. Graduada em História pela UNESP. mariana.boscariol@gmail.com

...no final do século XVI, os portugueses havia majoritariamente abandonado às atitudes e a mentalidade de conquistadores que os inspiraram nas décadas iniciais de sua expansão na Ásia e estavam prioritariamente interessados no comércio pacífico e na conservação do que já haviam conseguido (BOXER, 2002, p. 93).

A realidade do Japão quando se deu o contato com os portugueses, em 1543, era a de um intenso conflito interno, marcado pela disputa entre as forças dominantes que almejavam a liderança no processo de conquista e consolidação da reunificação japonesa. Por ser um período conturbado, de instabilidade e sem uma centralização política muito clara, a população japonesa, no geral, vivia em uma realidade dispersa e frágil, possibilitando a eficácia do dinamismo dos ocidentais em seus empreendimentos, que atingiram diversos elementos fundamentais da vida no Japão. Grande parte dos trabalhos e livros elaborados que abordam à história do Japão e, em especial, o período de interação luso-japonesa, costumam empregar definições próprias da história européia, como: o senhor feudal, feudalismo, feudo, etc. Esse tipo de recurso acaba por transportar e impor aos territórios que passaram pela interferência européia elementos da sua cultura, fortalecendo um caráter eurocêntrico de se contar a história, o que pode acabar distorcendo em certo ponto o teor peculiar de cada caso. Por entender que são termos pertencentes a um período particular europeu, que possui características próprias e bem distintas, essas formas de nomenclatura não serão aqui empregadas, colocando-os em seu original e fazendo-se ressalvas quando necessário por meio de notas.

A forma de ação da Companhia possuía principalmente um caráter missionário e educacional. Era a partir da língua, das artes e da cultura em geral, buscada uma forma de atingir os seus objetivos. Mas, o método no qual se embasavam não era unânime, não havendo entre os missionários que atuavam nessa missão uma política ideal que era seguida rigorosamente por todos os seus membros. Ressaltando-se nessa circunstância questões pessoais de cada missionário, que diante das adversidades ou das situações enfrentadas marcavam métodos inovadores (COSTA, 1998, p.75).

Esses locais que se mostravam de interesse para o almejado império ultramarino português possibilitavam uma investida quanto a uma ação de reprodução da sociedade europeia, não apenas a partir de seus princípios religiosos, mas também cotidianos. Situação essa que compreendia então a adaptação por parte dos nativos à

cultura europeia, imperando um caráter eurocêntrico. Nesse espaço descontinuo de atuação que era o japonês, em uma linha diferente, alguns missionários adotaram uma postura que exaltava justamente a cultura nativa, como forma de encontrar um espaço de reconhecimento e aceitação maior por parte da população alvo. Situação essa entendida como de acomodação cultural, que nas palavras de João Paulo de Oliveira e Costa¹ significa um processo de *inculturação*, ou seja, o esforço em converter esses nativos ao cristianismo partindo da adaptação do próprio missionário a essa outra cultura, valorizando sua peculiaridade. Só depois de decorrido certo tempo de trabalho na missão japonesa, quando alcançaram maior destaque e resultados, que esse modelo seria mais abertamente adotado, sendo até então defendido por uma minoria que sufocava em meio ao método oficial da Igreja. Querer transformá-los em europeus era uma atitude equivocada, fazendo parte do sucesso nesse processo de conversão a compreensão e tolerância das suas especificidades culturais. Denominando com o tempo a acomodação cultural como fator indissociável da Companhia de Jesus e em especial da ocupação asiática (DINIZ, 2007, p.24).

Quando se levanta a questão da adaptação desse missionário, europeu por excelência, mesmo tendo na maioria dos casos vivido a maior parte de sua vida nas missões do oriente, há que se levar em conta que existe uma situação muito delicada, já que muitos dos costumes e preceitos da vida japonesa não combinavam com o que era pregado pela doutrina cristã. Sendo assim, era necessário que fosse pesado e medido o que seria passível de adaptação e o que não seria aceitável quanto à conduta que deles era esperado enquanto religiosos. O que gerava muita conturbação era justamente até que ponto essa adaptação, essa aceitação de um modelo japonês, não implicaria no desgaste e corrupção dos preceitos defendidos pelo cristianismo.

Situação que colaborava em grande medida ao desenvolvimento de experimentações culturais por parte dos missionários era seu isolamento físico. Como no caso de Gaspar Vilela (1526-1572), padre que fez parte do grupo dos primeiros missionários a atuarem no Japão, alguns missionários poderiam ficar sozinhos em determinada região, tendo por vezes apenas mais um ou outro companheiro. Vilela foi

¹ Descrição feita pelo professor na Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa do Centro de História de Além-Mar (CHAM), constando no seguinte endereço: www.fcsh.unl.pt/cham/eve. João Paulo Oliveira e Castro é professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e é membro do CHAM, pelo qual assumiu a posição de investigador responsável do projeto “*Jesuítas portugueses no extremo oriente nos séculos XVI- XVII*” pelo mesmo centro de pesquisa.

pioneiro na missão que fora fundada no centro do Japão, expandida a partir do eixo litorâneo, onde pode colocar em prática essa abordagem menos ortodoxa que era a de adaptação cultural, longe da desaprovação e repreensão de seu superior, no caso, Cosme de Torres (Viveu de 1510 a 1570, tendo sido superior da missão japonesa de 1551 até o ano de sua morte). Além desse isolamento, como coloca Ribeiro (2007), a observação e estudo da religião e cultura japonesa, a partir da visitação e entendimento de como era a pregação por parte dos *bonzos*, seu estilo de vida, o próprio budismo em si, os festejos, costumes e etiqueta, possibilitavam que tivesse a sensibilidade de como agir com essa população e quais iniciativas tomar.

As impressões e observações dos missionários quanto aos costumes e características dos japoneses são rastreáveis nos seus relatos e cartas, os quais escreviam com certa regularidade tendo como remetente Portugal e outras ocupações como é o caso da China, onde estas cartas eram copiadas como forma de precaução a um possível extravio ou acidente. Essa produção literária possui tanto a função de corresponder a uma expectativa crescente por parte da população europeia de matar sua curiosidade quanto a esses outros mundos exóticos, como também para a formação de novos padres que por ventura se juntariam ao contingente nessas missões asiáticas. A admiração pelo bom e rápido entendimento e compreensão dos japoneses despertava grande interesse aos intentos de conversão de novos fiéis, tendo as cartas também a função de demonstrar a eficiência do trabalho realizado nessa região, o progresso que estava sendo conquistado, além de toda a gama de possibilidades que se mostravam para o futuro da missão e da Companhia de Jesus em geral.

Com o passar dos anos e o progresso da missão no Japão, foram-se delineando quais caminhos eram eficientes para se alcançar a tão desejada aproximação com os japoneses e que atitudes deveriam ser marginalizadas, por nessas terras não surtirem efeito. Deixava-se de lado a exaltação da pobreza, o desapego a vida material, já que não era um discurso que tinha repercussão, para passar a ser valorizada a cultura própria da aristocracia japonesa, que englobava os rituais de etiqueta, refinamento e elegância, demonstrados desde a maneira de falar (Conteúdo, forma, intensidade, volume) como também a aparência física.

Como colocado pelo historiador Jurgis Elisonas (1991), na primeira visita que Francisco Xavier (Que viveu de 1506 a 1552 e fora o fundador da missão no Japão)

intencionou fazer ao *daimyo*² de Suwo, *Ouchi Yoshitaka*, em 1551, não obteve êxito. Além de não ter sido recebido, sofreu ofensas por parte da população ao longo do trajeto da viagem, justamente por ter adotado uma postura de humildade e simplicidade. Buscando conseguir seu objetivo em uma segunda visita demonstrou maior refinamento e levou consigo presentes, tendo com isso conquistado o que desejava: ser recebido por esse líder, conquistando a autorização para pregar o evangelho, além de um espaço específico destinado para o mesmo. Segundo Elisonas (2000), a ajuda e aproximação aos menos afortunados não era vista com bons olhos pelos japoneses. O intento nesse momento inicial da missão tomou um corpo definido, já que a preocupação que se tinha era justamente em se aproximar das lideranças, da aristocracia, para conseqüentemente ter acesso à conversão da população sob sua alçada.

Uma das bases dessa missão em específico foi a fundação de escolas e seminários, explorando ao máximo o fundamento educacional da evangelização como forma de doutrinação. Nessa perspectiva, nesses seminários eram exercitadas as artes, além do ensino da matemática, medicina, geografia, astronomia, e em destaque, as línguas. Ao longo do período de quase um século em que os missionários se estabeleceram na missão japonesa, a forma de ação dos missionários se alterou. Como já foi aqui colocado, se em um primeiro momento essas novas abordagens e metodologias de trabalho causavam muita apreensão e tinham que ser discretamente colocadas em prática, em um segundo momento, onde já colhiam saldos positivos, essa inovação foi posicionada de forma mais oficial, sendo uma medida compreendida por alguns missionários a ser adotada pelos jesuítas em geral.

Agente de grande importância nesse contexto foi o padre Alessandro Valignano (1539-1606), que fora enviado com o título de Visitador das Índias Orientais para a Ásia e respondia diretamente ao Supervisor Geral da Companhia de Jesus e tinha plenos poderes sobre todas as missões pertencentes à rota oriental. Tornou-se um dos maiores defensores da ideia de adoção por parte dos missionários de elementos culturais nipônicos. Ao chegar ao Japão se mostrou contrariado com o que havia lido a cerca da missão e o que observava estar realmente acontecendo. Valignano possuía uma preocupação fundamental que o instigou a revisar e formular novas formas de

² Líder responsável por um território semi-autônomo sob seu domínio, denominado *Han*, freqüentemente relacionado como um senhor feudal da Idade Média européia. Esse título significa Grande Nome, o que já demonstra o seu poder.

abordagem quanto à ação jesuítica: a discrepância entre o que era relatado e que chegava ao conhecimento dos europeus e o que realmente acontecia nas missões asiáticas. Observou que havia equívocos quanto ao que era passado e compreendido e o que de fato se encontrava.

Por mucho que se escriba no se puede bien dar a entender, y se ofrecen muchas dudas y réplicas a lo que se escribe, a los cuales no pueden responder las cartas, y así quedan suspenças, dubdosas y mal percebidas muchas cosas.³

Como coloca Pedro Lages Reis Correia (2006), já a partir da sua primeira visita ao Japão, que durou de 1579 a 1582, se ocupou em reformular a missão jesuíta no Japão. Parte dessa iniciativa estava focada na criação de novas regras para a produção das cartas, que deveriam passar pelo aval de um supervisor ou do próprio visitador, que receberia essa incumbência, não deixando o conteúdo apenas sob o critério daquele que a escrevia. Se forem levadas em conta as tecnologias de informação do século XVI, é plausível que houvesse muitas incongruências quanto ao que se queria dizer e o que chegava ao conhecimento na Europa. A missão no Japão em grande medida se tornou com o tempo a “menina dos olhos” de muitos missionários, que almejavam uma atenção maior por parte da coroa portuguesa e principalmente dos líderes na sede da Companhia de Jesus.

Alessandro Valignano, em meio a esse intento pessoal de passar uma imagem mais fidedigna à Europa do que representava o sucesso da missão japonesa e toda a promessa de eficiência e conquistas com as quais eles contavam, aprofundou a questão do caráter educacional da evangelização. A realização de uma viagem, nos moldes de uma embaixada de estudantes japoneses que seriam selecionados e enviados a Europa, tendo como principal destino os centros do cristianismo, possibilitaria, na sua concepção, uma maior exatidão e clareza na informação a ser transmitida.

Essa viagem tornaria possível não apenas uma melhor transmissão da informação e compreensão da essência dos japoneses pelos europeus, mas também dos japoneses sobre os europeus e internamente por um maior número de japoneses que

³Carta de Alessandro Valignano ao Padre Geral Claudio Acquaviva, Cochim, 28 de Setembro de 1583. In: WICKI, Joseph. Documenta Indica, XII(1580-1583). Roma, 1972.P.831

ainda não houvessem entrado em contato com a cultura cristã, ou que até então não se identificaram com o que era pregado. A concepção que era passada sobre a Europa era de certa forma abstrata e idealista, levando em consideração que a maioria dos missionários saiu muito cedo da Europa para se juntar a essas missões.

A aproximação maior dos missionários era com os senhores, os *daimyos*. Sendo assim, para a viagem foram selecionados por Valignano e mais três *daimyos* dois alunos do seminário de *Arima*, que possuíam estreitas ligações de parentesco. Mancio *Ito* era sobrinho de *Otomo Sorin* (1530-1547), *daimyo* de *Bungo*, e Miguel *Chijiwa* era sobrinho de *Omura Sumitada*, senhor de *Omura*. Sendo assim, os dois jovens possuíam o que poderia se relacionar com a idéia de sangue nobre, fazendo parte da aristocracia japonesa. Como seus acompanhantes foram juntamente enviados dois outros membros da casa de *Omura*, de nome Julião *Nakamura* e Martinho *Hara*. Observe-se a tendência na adoção de nomes ocidentais pelos convertidos. A escolha desses alunos em específico se deu tanto pelo fato deles serem alunos do seminário de *Arima*, destinado a nobreza e fundado por Valignano, como por pertencerem a famílias de importantes senhores cristãos. Todavia, os estudantes deveriam ser apresentados apenas como tal, como membros que se destacaram dentro do seminário jesuíta de *Arima*, não sendo demonstrada sua origem nobre como membros de algum tipo de principado / realeza.

Quanto al modo de ambiar estos cavalleros, tan fuera estuvo de los Padres em darles titulos de Serenissimos Principes(...) que antes yo mismo escrevi a Su Magestad y a su Santidad, que aun que eran personas tan nobles, y parientes tan cercanos de los dichos Reyes, era a las primissas de siminario de Japon ao se criavan, y nunca les di nombres de Principes ni de herderos de los Reyes(...)⁴

A viagem durou ao todo cerca de 8 anos, tendo o navio zarpado do Japão em 1582 e apenas regressado em 1590. No trajeto se incluem paradas na Espanha e Índia, além do principal destino que era o Vaticano. A viagem não tinha apenas o destino final como de interesse para uma possível aprendizagem por parte desses estudantes, "mas que também experimentasse os grandes trabalhos e perigos que os padres nesta viagem

⁴ Valignano, Alessandro. Apologia en la qual se responde a diversas calumnias que se escrivieron contra los Padres de la Compañia de Japon y de la China. Lisboa: Biblioteca da Ajuda, 1598. Cap. 5 F.23

passão pera ir procurar a salvação dos Iapões(...)"⁵. Além de também terem a oportunidade de ver com seus próprios olhos toda a magnificência da corte e da igreja na Europa, já que apenas a partir da descrição feita pelos missionários não se era possível chegar a uma compreensão plena. Como colocou Valigniano em um dos seus escritos:

Entendiendo yo (...) por la grande openion, que tienen de sus cosas, no tienen tanto concepto de las nuestras ni creen tan facilmente lo que los Padres dizen de las grandezas de los Principes Ecclesiasticos, y Seglares de Europa(...) me pareció, que seria cossa acertada, y muy conviniente, yr algunos Cavalleros Principales Japones a ver las cossas de Europa, para que bolviendo a su tierra pudiesen dizir lo que con sus propios oyos vieron(...) y pudiesen dar dellos a sus naturalles certissimo testimonio, y viniessen de raiz a entender, que las mas noble parte del mundo, y la mas docta tenia esta Santa fee.⁶

Pela preocupação de Valignano em relação a não distorção do que era pretendido com essa viagem, houvera um condicionamento do tipo de informação que deveria ser absorvida, manipulando a forma de recepção e controlando tanto a imagem que se gostaria de passar a esses jovens japoneses do que era a Europa e a igreja, como que tipo de impressão gostaria que esses alunos passassem aos seus conterrâneos. Essas duas sociedades, a europeia / ibérica e a japonesa, viviam regidas em meio a uma ritualização do espaço e uma simbologia dos gestos e do próprio corpo, que representavam qual o seu papel nesse ambiente. Já que o poder encarna em analogia e metáfora, se agasalha em símbolos e sinais, se disfarça de cerimonial e protocolo, produz e objetiva a etiqueta (LISÓN TOLOSANA, 1991, PP. 113-170). Sendo assim, o costume de um ou de outro não deveria entrar em conflito e nem gerar qualquer tipo de atrito, para assim conseguir eficiência no objetivo da embaixada. Como colocado por Correia (2006), seria fundamental, na visão de Valignano, passar certa imagem da cristandade japonesa. A embaixada deveria ter como resultados a conquista de

⁵ Carta do padre Alessandro Valignano para dom Theotónio de Bragança Arcebispo de Evora, Goa, 1 de dezembro de 1597. In: GARCIA, José Manuel (ed.). *Cartas que os Padres da Companhia de Jesus Escreverão dos Reynos de Iapão e China aos da mesma Companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*, 2 volumes, Maia, Cotovia, 1997. P.232

⁶ Valignano, Alessandro. Apologia en la qual se responde a diversas calumnias que se escrivieron contra los Padres de la Compañia de Japon y de la China. Lisboa: Biblioteca da Ajuda, 1598. Cap. 5 F.22

segurança pela coroa filipina da exclusividade da missão japonesa pelos jesuítas e um maior financiamento do trabalho missionário.

Havia uma preocupação latente quanto a que tipo de experiência e quais impressões ficariam marcadas para os alunos japoneses, já que a partir disso as informações a cerca da cultura européia e da igreja seriam passadas. Essa grandiosidade deveria ser absorvida e interiorizada por eles, não apenas em relação à igreja e a religião, mas quanto a toda a cultura de corte e ao caráter real dessa sociedade que estão estritamente ligados ao culto religioso:

Pera beijar a mão a sua Magestade, e os pés a sua Santidade, dandosse a devida obediencia, e pareceonos isto bem, assi pera que os Iapões fossem conhecidos em Europa, como tambem por que elles conheção a grandeza de nossa lei Christã, e a gloria, e magestade de sua Santidade, e mais principes de Europa, vendo essa corte, e a corte Romana, pera que depois tornando a Iapão possão dar testemunho do que virão, e entendão os seus naturaes o que em Iapão pretendemos, e qual he a lei que lhe pregamos, polo que importa muito que sejão favorecidos, e tratados de tal maneira que tornem contentes, e satisfeitos a Iapão(...) ⁷

O que é importante para compreender nesse cenário, que era um mecanismo pertencente a uma engrenagem muito maior do projeto missionário e da cultura imperialista da coroa, é que apesar dessas investidas quanto à adoção de uma postura de tolerância e proximidade com a cultura japonesa se tinha como intento a interiorização por parte dos japoneses de uma superioridade europeia, que seria demonstrada pela sua civilidade, pela grandeza de sua aristocracia e a magnificência e força da igreja, elemento vital dessa sociedade.

Como forma de ter um controle mais eficiente sobre que tipo de conhecimento chegaria aos japoneses, Valignano a partir do regresso da embaixada formulou um relato de viagem tendo como base os diários dos estudantes. Documento que fora impresso em 1590 para a leitura pelos alunos do seminário sob o nome de *De*

⁷ Carta do padre Alessandro Valignano para dom Theotonio de Bragança Arcebispo de Evora, Goa, 17 de dezembro de 1583. In: GARCIA, José Manuel (ed.). *Cartas que os Padres da Companhia de Jesus Escreverão dos Reynos de Iapão e China aos da mesma Companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*, 2 volumes, Maia, Cotovia, 1997. P.88

*missione Legatorum Iaponesium*⁸.

No que diz respeito ao entendimento de como foi e o que representou a expansão marítima portuguesa, automaticamente se associa a noção de dominação e colonização sobre as populações tidas por eles como de um nível civilizacional inferior. Nessa generalização, o que fica marginalizado são justamente as especificidades de regiões distintas onde o tipo de relacionamento e contato que se estabeleceu foi impar. Apesar de fazer parte do mesmo processo, dessa ânsia de conquista de novos territórios tanto a partir de fundamentos comerciais, políticos e religiosos, as investidas feitas nos territórios asiáticos que sofreram interferência portuguesa e as estabelecidas nas outras possessões em muito são divergentes. Mesmo em um mesmo cenário como o asiático a forma de ação e o vínculo estabelecido foram bem distintos. Fugindo da ideia de uma população subordinada e um território de dominação e autoridade portuguesa, o Japão se mostrou aos intentos portugueses uma região de grande interesse não apenas para o estabelecimento das relações comerciais e mercantis, mas também ao projeto de um estado que de longe não era laico e tem como ponto primordial do seu almejado império ultramarino a conversão religiosa.

Nessa situação deixamos de lado a concepção tradicional de superioridade portuguesa/ocidental para compreender que no Japão, para se alcançar o êxito pretendido, eram eles que deveriam respeitar e seguir as regras. Mesmo isso tendo sido posto em prática, em um ambiente heterogêneo, em uma ocupação fragmentada, é óbvio que havia contradições e discordâncias dentro desse mesmo grupo que era o dos missionários jesuítas. Discordavam quanto a metodologia do trabalho que se estava desenvolvendo, passando de uma visão tradicionalista que em parte não se sustentava mais, para uma inovadora que vinha tomando forma e conquistando espaço nesse novo momento da missão. Os missionários jesuítas começaram a disputar com o tempo influência com franciscanos e dominicanos, que passaram a atuar nesse mesmo espaço. Apesar do grande sucesso que foi alcançado, desse fato curioso que é o grande número de conversões que foram realizadas, com o tempo o culto ao cristianismo foi praticamente erradicado do território japonês. Diante da observação pelos líderes

⁸ CORREIA, Pedro Lage R. O Triunfo do experimentalismo na missão do Japão: Alessandro Valignano (1539-1606) e a organização da embaixada japonesa à Europa em 1582. Discurso proferido no simpósio internacional “Novos Mundos - Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos” no Deutsches Historisches Museum, Berlim, 23 a 25 de novembro de 2006.

japoneses da força e poder que os religiosos possuíam sobre os fiéis, o exercício da religião se tornou uma ameaça constante e crescente aos seus intentos de conquistar e consolidar a reunificação política sob um poder centralizado. Deixando para trás o seu auge, a sua fase de sucesso, passaram a sofrer seguidas investidas de poda e restrição por parte das lideranças japonesas, seja a partir de demonstrações de hostilidade e violência, como também emendas e editos que eram elaboradas no sentido de uma proibição da prática da religião e expulsão dos ocidentais. Durante algumas décadas viveram em meio a essa realidade conflituosa, até a expulsão de todos os ocidentais ser colocada efetivamente em prática pelo *Shōgunato*⁹ que assumira, iniciando-se um período de isolamento e reclusão do Japão em relação ao contato externo que duraria mais de 200 anos, denominado *Era Edo*.

CONCLUSÃO

No contexto ultramarino português a religião e os seus agentes, principalmente os missionários jesuítas, obtiveram papel de destaque diante do trabalho desenvolvido. O Japão nesse contexto se mostrou um território de grande interesse por suas características peculiares, mas também por suas especificidades quanto ao método de ação da evangelização, que ficou em foco para discussão e experimentações. Compreendendo que fora uma realidade de ocupação e não de dominação, os ocidentais se sujeitaram a sua própria adaptação à cultura e hábitos locais. Não eram eles que ditavam as regras, e o que era tido como superior e admirável pelos japoneses não era o mesmo compreendido pelo cristianismo. Assim, os religiosos tiveram que deixar de lado certo ar pedante de humildade e desapego para assumir uma postura mais pomposa, conseguindo dessa forma uma maior aproximação das lideranças locais, meio de obter sucesso nas conversões da população sob sua tutela. Elemento fundamental dessa aproximação é o entendimento dos costumes, hábitos e da etiqueta que regulavam as relações dos japoneses, que se organizavam socialmente a partir de uma hierarquia rígida e bem clara. Aproximamo-nos das singularidades desse caso em especial e do que há de mais minucioso, deixando de lado o modelo de discurso generalista que engole o que há de impar. Mesmo com a campanha de destruição a tudo o que pertencesse ou fizesse referência ao cristianismo que acabou com boa parte dos seus registros e

⁹ Governo do *Shōgun*, líder de caráter militar que possuía poderes inclusive superiores aos do imperador.

vestígios, é possível vivenciar e analisar esse relacionamento por meio das cartas dos missionários jesuítas, que eram constantemente enviadas à metrópole e permaneceram sob a guarda dos eclesiásticos. Apesar da pouca importância que muitas vezes é dada a esse episódio da história japonesa, ele é extremamente relevante não só para esse país, mas também para entender a relação de Portugal e o funcionamento do mundo no período em questão.

É nesse momento que a Europa toma conhecimento do Japão, que até então estava apenas presente em especulações e boatos, principalmente fruto das investigações dos missionários jesuítas, que tiveram a iniciativa de conhecê-lo e vivenciá-lo. Foi inserido como forma de escrita do idioma japonês o alfabeto romano, possibilitando uma mais fácil compreensão dessa língua, além de terem sido elaboradas as primeiras gramáticas abordando a língua japonesa, tornando mais prático e eficiente o aprendizado dela não só restrito aos missionários, mas a outras pessoas que posteriormente se interessariam em dar continuidade a esses estudos. Tomou assim uma dimensão mundial, projetando o Japão dentro de um contexto global, e não apenas restrito ao pacífico.

Estudos que abordam essa temática não são importantes apenas para o Japão e os japoneses. Faz parte de um contexto em que o próprio Brasil passou a fazer parte. Um momento em que os países em seus continentes começavam a ultrapassar seus limites territoriais e passavam a tomar uma posição em relação ao resto do mundo conhecido. Apesar do cristianismo nunca mais ter conseguido os sucessos de outrora, mesmo após a reabertura do Japão, o trabalho realizado pelos missionários conseguiu destaque, mantendo-se de forma singular em relação a um momento tão conturbado.

Levando em consideração um movimento atual ao lidar com a história cultural, foge-se de uma concepção universal, partindo-se para análises mais direcionadas e de maior sensibilidade. Como compreende Peter Burke, se faz necessário levar em conta a história cultural como um processo de interação entre diferentes culturas e subculturas, onde nos deparamos com diversos termos como: apropriação, troca, recepção, transferência, transposição, resistência, sincretismo, aculturação, enculturação, inculturação, interculturação, transculturação, hibridização, creolização, interação e interpenetração de culturas. No caso japonês, é importante não apenas levar em contato essa interação com os ocidentais, que permaneceram por um tempo reduzido

no Japão, mas principalmente sua cultura a partir dos fundamentos de sua relação com a China que ditou muito do que entendemos como o “tradicional” japonês, caracterizando o que o autor colocou como empréstimo cultural. Discussão para outra oportunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOXER, Charles. *O império marítimo português: 1415- 1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BURKE, Peter. *Variiedades de história cultural*. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CORREIA, Pedro Lage R. *O Triunfo do experimentalismo na missão do Japão: Alessandro Valignano (1539-1606) e a organização da embaixada japonesa à Europa em 1582*. Discurso proferido no simpósio internacional “Novos Mundos - Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos” no Deutches Historisches Museum, Berlim, 23 a 25 de novembro de 2006.

COSTA, João Paulo Oliveira e. *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís de Cerqueira*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998. (texto fotocopiado)

DINIZ, Sofia Isabel P. dos Santos. *A Arquitetura da Companhia de Jesus no Japão: A Criação de um espaço religioso cristão no Japão dos séculos XVI e XVII*, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007.

ELISONAS, Jurgis. *Christianity and the Daimyo*. In *The Cambridge History of Japan*, Vol 4: Early modern Japan / edited by John W. Hall. Cambridge University Press, 1991.

ELISONAS, Jurgis. *The Jesuits, the Devil, and Pollution in Japan: The Context of a Syllabus of Errors*. In *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar / Universidade Nova de Lisboa, 2000. pp. 3-27.

FRÓIS, Luis. *Europa Japão: um diálogo civilizacional no século XVI: tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão (...)*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993 [1597].

GARCIA, José Manuel (ed.). *Cartas que os Padres da Companhia de Jesus Escreverão dos Reynos de Iapão e China aos da mesma Companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*, 2 volumes, Maia, Cotovia, 1997.

LISÓN TOLOSANA, Carmelo. *La imagen del rey. Monarquía, realeza y poder ritual en la Casa de los Austrias*. Madrid: Espasa-Calpe, 1991 pp.113-170

RIBEIRO, Madalena. “*Gaspar Vilela: Between Kyoto and the Kinai*”, In *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, Vol. 15. Lisboa: Centro de História de Além-Mar / Universidade Nova de Lisboa, 2007. pp. 9-27.

VALIGNANO, Alessandro. *Apologia en la qual se responde a diversas calumnias que se escriviron contra los Padres de la Compañia de Japon y de la China*. Lisboa: Biblioteca da Ajuda, 1598. Cap. 5 F.22

WICKI S.J., Joseph (ed.). *Documenta Indica (1595-1597)*, v. XVII, Intitutum Historicum Societatis Iesu, Roma, Via dei Penitenzieri, 1988.